

ELOGIO
DE
JACINTO NELSON DE MIRANDA
COUTINHO

Porto Alegre
maio/2010

Meu Caro Jacinto

Queridos Amigos

Tomo a palavra porque foram vocês que me mandaram para saudar em nome de todos o nosso Amigo Jacinto neste dia do seu aniversário natalício. Sabendo perfeitamente que outros aqui presentes o fariam muito melhor do que eu, vou tentar honrar o vosso mandato.

“Ninguém é uma só pessoa”, escreveu José Saramago no seu último livro. Muito menos – acrescento eu – o Jacinto Nelson de Miranda Coutinho que nós conhecemos.

O Jacinto é, até hoje, o menino que nasceu em Santa Catarina para ser *Príncipe de Joinville*. Não príncipe de sangue azul ou

príncipe dos que entram nas histórias com castelos encantados, reis, príncipes, princesas e às vezes gatas borralheiras. Mas príncipe da sua mãe, príncipe do Dr. Nelson, seu pai, príncipe da sua irmã Dadate, príncipe dos seus professores, dos seus colegas e dos seus amigos. Príncipe porque era, e é, o primeiro em muitos méritos e talentos.

É com imensa alegria que aproveito a oportunidade que me foi oferecida para saudar, em nome de todos os seus amigos e admiradores, o nosso Príncipe Jacinto Nelson, que, magnânimo como todos os verdadeiros príncipes, permite que continuem todos sentados para cumprirem a pena de me ouvir.

O nosso Amigo é o menino Jacinto Nelson, que, no seu 3º ano de escolaridade, escreveu, com mais dois colegas de escola, um trabalho sobre *Vida e Obra de Olavo Bilac*, apresentado a um público muito seletivo em edição muito cuidada e muito limitada, enriquecida com uma obra de arte na contracapa, o retrato a crayon de Olavo Bilac, feito pela mãe do autor, D. Clemência, que eu tive o gosto de conhecer em sua casa, como matriarca, como mestra na confeção de doces e salgados e como artista plástica.

Ele continua a ser o menino que, terminado o 4º ano de escolaridade, e não tendo a idade legal para entrar normalmente no Curso Ginásial, tomou, por si próprio, sem os pais

saberem, a iniciativa de se preparar para a Prova de Admissão, pagando a uma explicadora com o dinheirinho que os pais davam para pipocas e picolés, com o objetivo de ser o 1º classificado e assim poder entrar no Ginásio.

Como estamos entre académicos, acho que devo revelar a fonte destas informações, como quem cita o autor onde fomos colher um dado que usamos no discurso. Aqui vai, em nota de rodapé: Maria da Graça (Dadate), irmã mais velha do Prof. Jacinto Nelson de Miranda Coutinho.

O nosso Amigo Jacinto Nelson é também o jovem que queria estudar Agronomia e que,

por influência do pai – que, aqui para nós, o conhecia muito bem –, acabou a estudar Direito, a lavrar outras terras e a produzir outros frutos.

E continua a ser o jovem que, naquele “imundo tempo carcerário” (verso de Orlando de Carvalho), se empenhou na luta contra a ditadura militar, ao mesmo tempo que praticava judo para ser campeão da modalidade e estudava Direito para atingir níveis de qualificação que lhe permitissem seguir uma carreira universitária. Foi ele que, muito novo ainda e honrando a sua primeira vocação de agrônomo, colocou na terra que depois amanhou a semente do Advogado e do Professor que é hoje.

O nosso Amigão é também o Doutor Jacinto Nelson de Miranda Coutinho, que concluiu em 1980 – já eu passava dos quarenta, meu Caro Jacinto... – o Bacharelato em Direito; que em 1984 obteve uma especialização em Filosofia do Direito; que concluiu o Mestrado em 1987 e que em 1988 obteve o grau de Doutor em Direito na Università degli Studi di Roma La Sapienza.

O Doutor Jacinto Nelson de Miranda Coutinho é também Procurador do Estado do Paraná, advogado de grande projeção e prestígio na área do Direito Penal, membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, e que foi, até 2009, Conselheiro Federal da OAB.

E é Professor Titular da Faculdade de Direito da UFPR, onde fundou e mantém vivo um núcleo de pesquisa sobre *Direito e Psicanálise*, onde foi Coordenador da Pós-Graduação, e onde dirige a Secção de Direito Penal e Processo Penal.

Foi também, por vontade dos seus pares, Coordenador da Área de Direito no âmbito da CAPES, no triênio 2004-2007, cargo que desempenhou com exemplar dedicação, com absoluta isenção e transparência e com o mais elevado sentido de serviço público. Posso dizê-lo com conhecimento de causa e em plena responsabilidade, porque tive a honra de integrar, mediante convite da Direção da

CAPES, o Comité de Avaliação Trienal da Pós-Graduação em Direito, em julho de 2007.

O Doutor Jacinto de Miranda Coutinho é o especialista que integrou a Comissão de Juristas nomeada em 5 de junho de 2008 pelo Presidente do Senado Federal com a incumbência de elaborar um anteprojeto de reforma do Código de Processo Penal, documento que foi entregue ao Presidente do Senado em 22 de abril de 2009. Para ele – estou certo disso – foi mais uma tarefa que cumpriu ao serviço do seu País, empenhado em ajudar a conseguir “leis que aos grandes não deem o dos pobres”, como reclamava o nosso Camões em *Os Lusíadas*.

O Professor Jacinto Coutinho é Professor Visitante da Universidad Pablo de Olavide (Sevilha – Espanha), um professor cuja atividade e influência se tem projetado por todo o Brasil e em vários outros Países da América Latina, em Portugal, na Itália e na Espanha. Um professor que tem várias dezenas de artigos publicados em revistas científicas; que tem colaboração em quatro dezenas de livros; que coordenou outros dez livros; que orientou cerca de quatro dezenas de teses de Mestrado e de Doutorado; que participou em mais de cem bancas de provas e concursos académicos; que organizou mais de três dezenas de eventos científicos; que escreveu uma quantidade invulgar de Prefácios de livros de outros

autores (que veem nele o Amigo e o Mestre que querem homenagear e cujo prestígio pode ajudar a projetar a sua obra); o conferencista que participou em mais de 500 Congressos, Colóquios, Cursos e Seminários, tendo apresentado comunicações em mais de 400, numa extensa atividade – militante, diria eu – que ilustra bem o prestígio de que goza e a generosidade com que responde às solicitações que de todo o lado lhe chegam, sacrificando outros jardins que ele gostaria de cultivar (incluindo o descanso, que é coisa que ele não tem).

Para alguns dos seus Amigos aqui presentes, o Jacinto é ainda o responsável pelo GRUPO CAINÃ, um grupo de amigos que se

tem reunido todos os anos, a partir de 2001, na sequência de uma reunião convocada por ele para discutir a questão de saber se a constituição dirigente tinha morrido ou não. Esta primeira reunião teve lugar na Fazenda Cainã, Município de São Luiz do Purunã, próximo de Curitiba. E tudo correu tão bem, por mérito do Jacinto e da Aldacy, que foi possível concluir que a constituição dirigente continuava de boa saúde, animando todos a publicar um livro com as intervenções havidas durante o Encontro e a decidir a realização de um Encontro semelhante todos os anos.

E assim se tem feito: ao longo de três dias, todos os participantes apresentam a sua comunicação, ouvem a de cada um dos outros e

participam no debate, durante umas sete horas, sem arredar pé. E os livros vão saindo. E nós vamos enriquecendo, pelo que aprendemos uns com os outros e pelo que recebemos e damos em afeto e em amizade. Só o Jacinto poderia ter tido esta iniciativa e só ele poderá mantê-la viva, para além do 10º ano, que celebraremos, de novo na Fazenda Cainã, em fevereiro de 2011.

O Jacinto Nelson de Miranda Coutinho é isto tudo e muito mais, que não cabe nas palavras, ao menos nas minhas, desajeitado como sou nestas artes da escrita.

Quero crer que uma maneira de o apresentar que particularmente lhe agradará é a de recorrer a um poeta popular português de

que ele gosta muito. Vou-me socorrer de uma quadra de António Aleixo, poeta que, fiel às suas origens, morreu tão pobre e tão analfabeto como nasceu:

*“Dizem que pareço um ladrão
Mas há muitos que eu conheço
Que, sem parecerem o que são
São aquilo que eu pareço.”*

É isto mesmo. Quem o julga pelas aparências fica muito longe de conhecer toda a riqueza deste nosso Amigo. Aos que o julgam mal, ele pode responder, com inteira autoridade, com a sabedoria destes versos, sabedoria que o autor aprendeu na Escola da

Vida, que outra não frequentou. E nós sabemos quantas vezes o Jacinto invoca a vida, a sua própria vida e a vida que nos rodeia, fazendo, a partir dela, o diagnóstico dos problemas que o afligem e que nos afligem, mas buscando nela a força para não desistir dos combates que vale a pena combater. Porque ele sabe que o único herói da história é o povo que não cabe na história. Porque ele sabe, como o poeta António Machado, que só “se hace caminho al andar.” Porque ele é sensível à mensagem destes versos de uma grande poetisa portuguesa (Sophia de Mello Breyner): “Vemos, ouvimos e lemos. /Não podemos ignorar.”

É isto, não é, Jacinto? Não podemos ignorar a vida. Temos de *aprender a lavar o*

tempo, a não dormir sobre os manuais e as definições, como escreveu um poeta da minha geração coimbrã (José Manuel Mendes). Só assim, bem ancorados na vida e aprendendo com ela e com os seus heróis autênticos, seremos capazes de nos libertar do nosso egoísmo, do nosso autismo, das nossas frustrações, da nossa impotência, do nosso medo da vida e dos desafios que ela nos coloca. Só assim seremos capazes de ultrapassar, gramscianamente, o *pessimismo da razão* e chegar ao *otimismo da vontade* (e da ação). Se *a vida está toda errada*, como diz um verso do poeta comunista brasileiro Álvaro Moreyra, só podemos fazer o que ele aconselha, logo a

seguir, no mesmo poema: “Vamos passá-la a limpo”.

O Jacinto – tenho de confessar aqui este seu pequeno defeito, em homenagem a ele, que sempre nos diz: “Amigo também é para estas coisas: dizer o que deve ser dito”! – não tem grande jeito para passar coisas a limpo, nem tem paciência para isso... Mas está sempre disponível para *passar a vida a limpo*, ciente de que *a vida é o que fazemos dela* (para usar o verso de Fernando Pessoa/Bernardo Soares) e bem consciente de que, como na canção do Chico, *quem espera nunca alcança*. E seguríssimo de que “as coisas boas da vida fazem com que ela, a vida, tenha o sentido que deve ter”, como ainda há dias me recordava,

escrevendo-me a propósito do falecimento de um Amigo comum.

Regressando aos versos de António Aleixo, direi que o Jacinto, como o poeta, não é aquilo que parece. Ele é – deixem-me recorrer de novo a um poeta português, este do século XVI, António Ferreira – “homem de um só rosto/ E de uma só fé/ De antes quebrar que torcer.” E é claro que um homem assim – são ainda palavras do poeta – “tudo pode ser/ Mas homem de corte não é.”

Comecei por dizer que o menino Jacinto Nelson nasceu para ser príncipe, e proclamo agora que ele não é homem de corte. E não é, porque não é pessoa para vassalagens, não é

homem feito de *carne de obedecer*, porque ele não suporta os carneiros domesticados. Esta é uma das marcas do seu caráter, que me apraz relevar, por todos termos a consciência de que, neste nosso tempo, “carneiros é o que mais há, / Uns de finos modos, / Outros vis por desprazer.../ Mas carneiros todos/ Com carne de obedecer”. Como são certeiras as palavras dos poetas! Estas são de um outro grande poeta português, José Gomes Ferreira.

Um homem como o Jacinto *homem de corte não é*. Mas insisto em que o Jacinto Nelson de Miranda Coutinho continua a ser um *príncipe*, porque continua a ser *o primeiro de nós*, pelas suas qualidades de inteligência e de caráter, pela sua generosidade, pela sua

lealdade de Amigo, pelo seu coração do tamanho do mundo. Porque, leitor de Fernando Pessoa/Ricardo Reis, é fiel ao preceito pessoano e *põe quanto é no mínimo que faz*.

“Todo o mundo é composto de mudança,
/ Tomando sempre novas qualidades”. Estes versos de um dos mais belos sonetos de Camões ajudam-nos a cimentar a confiança em que a dialética do mundo nos há-de conduzir a um mundo melhor. Apesar de sabermos, como o poeta nos recorda, “quantos enganos traz o tempo à esperança”, e de sabermos também que, com as mudanças do mundo, “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, / Muda-se o ser, muda-se a confiança”, ambos temos a

certeza, meu Caro Jacinto, de que um dia chegaremos a Pasárgada. E em Pasárgada, meus Amigos, “em Pasárgada tem tudo/ É outra civilização”.

É verdade. “Em Pasárgada tem tudo/ É outra civilização”. Mas todos estamos conscientes de que ainda falta muito caminho, muito tempo e muito trabalho para lá chegarmos. E todos sabemos bem que “um galo sozinho não tece uma manhã”, que “um galo precisará sempre de outros galos”, como nos ensina, substituindo uma estante de livros, este verso de João Cabral de Melo Neto. E é por isso, meus Amigos, que pessoas como o Jacinto nos são imprescindíveis, com a

capacidade de congregar os outros à sua volta e de mobilizar todos para as tarefas inadiáveis, com a capacidade de unir todos os galos de todo o mundo, “para que a manhã, desde uma teia tênue, / Se vá tecendo, entre todos os galos”.

É tempo de terminar, que a conversa já vai longa. Falei muito e não disse nada do que gostaria de dizer. Ouço já alguns de vós comentando que exagerei no recurso aos poetas. E eu concordo convosco. Mas tudo tem uma explicação. Posso garantir-vos que não é meu hábito fazê-lo e que o não fiz hoje para alardear erudição. Fi-lo antes por humildade. Eu explico. Queria oferecer ao Jacinto um

bonito ramo de flores e sabia que não as encontraria no meu jardim. Por isso decidi ir roubá-las aos jardins dos poetas, porque neles encontramos sempre as flores que procuramos. Pode ser que tenha ficado no ar algum perfume dessas flores poéticas que ofereci ao nosso Amigo Jacinto Nelson de Miranda Coutinho.

Falando de flores e de perfume, vem a propósito dizer-vos o que todos sabem: que o Jacinto é ele e a Aldacy, sua namorada, sua mulher, sua companheira, sua amiga, sua tudo. Esta flor conquistou-a o Jacinto, não fui eu que lha ofereci. Daqui vos saúdo a ambos com *fraternura*, palavra poética, lindíssima, que reflete tão bem o sentimento que quero transmitir-vos e que, mais uma vez, peço

emprestada a Guimarães Rosa, para enfeitar a minha prosa, prosaica e rude como o granito da minha terra natal. Daqui vos saúdo, queridos Amigos, com os votos de que sejam muito felizes. Porque vocês merecem ser felizes!

Mesmo para terminar, só quero dizer-vos que, para mim, é uma honra poder contar o Jacinto entre os meus Amigos e é um privilégio poder ser amigo dele, porque ele me aceita entre os seus amigos.

Porto Alegre, 23 de maio de 2010
António José Avelãs Nunes